

São Paulo, 03 de agosto de 2007.

NOTA À IMPRENSA

## Cesta básica sobe em nove capitais

Em nove das 16 capitais onde o DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – realiza mensalmente, a Pesquisa Nacional da Cesta Básica, o preço do conjunto de gêneros alimentícios essenciais subiu em julho. As elevações mais expressivas ocorreram em João Pessoa (7,07%) e Natal (6,52%). As principais retrações foram apuradas em Fortaleza (-4,40%), Belo Horizonte (-2,08%) e Curitiba (-1,81%).

Porto Alegre, que registrou a terceira maior alta no valor da cesta (3,65%), continuou a apresentar o maior custo para a cesta básica (R\$ 200,97), distanciando-se da de São Paulo onde o preço teve leve recuo (-0,25%) e ficou em R\$ 186,98. O terceiro maior valor foi apurado no Rio de Janeiro (R\$ 177,71). As cestas com menor custo foram encontradas em Fortaleza (R\$ 130,83), Salvador (R\$ 137,88) e Aracaju (R\$ 142,98).

Com base no valor apurado para a cesta em Porto Alegre, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deveria ser suficiente para cobrir as despesas de um trabalhador e sua família com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima que o salário mínimo necessário deveria corresponder, em julho, a **R\$ 1.688,35**. Este valor é quase R\$ 40,00 maior que o calculado para junho (R\$ 1.628,96). O mínimo necessário estimado para julho equivale a 4,44 vezes o vigente (R\$ 380,00), enquanto no mês anterior correspondia a 4,28 vezes.

### Variações acumuladas

Entre janeiro e julho de 2007, cinco capitais apresentaram recuo no custo dos gêneros alimentícios essenciais. As quedas foram apuradas em Belo Horizonte (-5,32%), Belém (-1,64%), Fortaleza (-1,57%), Curitiba (-0,08%) e Goiânia (-0,06%). Os maiores aumentos foram verificados em Recife (8,58%), Porto Alegre (7,91%) e João Pessoa (7,22%).

Em 12 meses – de agosto de 2006 a julho último – somente em Fortaleza o custo da cesta apresentou variação negativa (-2,97%). As maiores variações anuais ocorreram nas três localidades que registraram os maiores valores para a cesta: Porto Alegre (17,51%), Rio de Janeiro (11,29%) e São Paulo (9,67%) – ainda que a ordem das elevações seja diferente da ordem dos valores apurados. Estas cidades foram ainda aquelas onde o aumento superou ao concedido ao salário mínimo (8,57%).

**TABELA**  
**Pesquisa Nacional da Cesta Básica**  
**Custo e variação da cesta básica em dezesseis capitais**  
**Brasil – Julho 2007**

Capital	Varição Mensal (%)	Valor da Cesta (R\$)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de Trabalho	Varição no ano (%)	Varição Anual (%)
João Pessoa	7,07	143,55	40,91	83h 06min	7,22	7,02
Natal	6,52	148,30	42,26	85h 51min	5,39	8,06
Porto Alegre	3,65	200,97	57,27	116h 21min	7,91	17,51
Recife	3,53	143,48	40,89	83h 04min	8,58	5,59
Florianópolis	3,32	173,27	49,37	100h 19min	2,77	8,08
Rio de Janeiro	2,53	177,71	50,64	102h 53min	3,69	11,29
Aracaju	1,80	142,98	40,74	82h 47min	3,90	6,68
Salvador	0,61	137,88	39,29	79h 50min	2,28	2,08
Brasília	0,58	172,30	49,10	99h 45min	0,26	6,17
Belém	-0,21	154,58	44,05	89h 30min	-1,64	1,27
São Paulo	-0,25	186,98	53,28	108h 15min	2,71	9,67
Vitória	-0,36	164,04	46,74	94h 58min	3,71	8,30
Goiânia	-0,97	152,35	43,41	88h 12min	-0,06	6,22
Curitiba	-1,81	167,85	47,83	97h 11min	-0,08	6,33
Belo Horizonte	-2,08	162,37	46,27	94h 00min	-5,32	3,59
Fortaleza	-4,40	130,83	37,28	75h 45min	-1,57	-2,97

Fonte: DIEESE

## Jornada de trabalho

Para comprar os produtos que compõem a cesta básica, o trabalhador que ganha salário mínimo, teve que cumprir, em julho, na média das 16 capitais pesquisadas, uma jornada de 92 horas e 37 minutos, pouco mais de uma hora superior à exigida em junho (91 horas e 33 minutos). Em comparação com julho de 2006, o tempo de trabalho necessário é menor, pois naquele mês era necessária uma jornada de 94 horas e 10 minutos.

Quando se considera o percentual do salário mínimo líquido comprometido com a aquisição - após o desconto da parcela referente à Previdência Social - verifica-se que, em julho, 45,58% do valor recebido eram empregados na compra dos mesmos itens que no mês anterior exigiam 45,06%. Em julho do ano passado eram necessários 46,35%.

## Comportamento dos preços

Em julho, a maior parte dos produtos da cesta básica registrou alta na maioria das capitais pesquisadas tanto na comparação com junho, como em relação a julho de 2006.

O preço da carne, no mês, subiu em 15 capitais, com destaque para Florianópolis (12,28%), Porto Alegre (9,66%), Rio de Janeiro (7,37%), Recife (5,44%) e Aracaju (5,37%). Somente em Belo Horizonte (-5,21%) houve recuo. Também em um ano a carne teve alta em 15 localidades, e nesta comparação os principais aumentos foram apurados em Porto Alegre (26,61%), Rio de Janeiro (15,44%), Aracaju (14,95%) e São Paulo (14,27%). Também neste caso, Belo Horizonte foi a única cidade onde houve redução no preço (-7,14%). Para este comportamento, foi importante o fato de as exportações da carne terem aumentado desde o final do ano passado, o que implicou grande abate de matrizes, reduzindo o plantel de bezerras. Isto reduziu a oferta do produto, e a situação foi agravada pela entressafra.

Os mesmos fatores que determinaram a alta verificada na carne contribuíram para o aumento ocorrido no leite *in natura* cujo preço subiu, em julho, em 14 capitais. Também teve peso o fato de a importação do leite em pó estar inviabilizada devido ao alto preço do produto no mercado mundial. As variações apuradas pelo DIEESE foram, em algumas localidades, muito expressivas: Porto Alegre (22,22%), Vitória (22,08%), Belo Horizonte (21,85%) e Brasília (18,97%). Em Salvador e Natal não houve alteração no preço do produto. Na comparação com julho de 2006, o aumento foi verificado em 13 capitais, sete delas com taxas superiores a 20,0%. Porto Alegre (49,42%), Curitiba (35,38%), Vitória (34,38%) e Belo Horizonte (30,38%) apresentaram as maiores elevações do último ano. Em três localidades ocorreram pequenas retrações: Natal (-0,71%), Aracaju (-0,82%) e Salvador (-2,03%).

O aumento no preço do feijão verificou-se em 12 capitais, com as principais variações anotadas em Natal (20,00%), Porto Alegre (18,84%) e Salvador (16,20%). Em Fortaleza o preço ficou estável e houve redução em Florianópolis (-0,63%), João Pessoa

(-2,26%) e Vitória (-2,45%). A alta foi justificada pela quebra da safrinha. Contudo, o feijão agora está mais barato nos últimos 12 meses, em nove capitais, em especial no Rio de Janeiro (-20,22%), Vitória (-17,98%), Florianópolis (-15,83%) e Curitiba (-14,97%). Sete capitais tiveram elevação de preço, particularmente em Belo Horizonte (20,91%) e Recife (14,04%).

O pão, o óleo de soja e a manteiga encareceram em 10 capitais, no mês de julho. No caso do pão a maior alta foi apurada em Natal (10,44%). Os preços caíram em seis cidades, e as maiores quedas ocorreram em Recife (-3,50%), Goiânia (-2,96%) e Belo Horizonte (-2,34%). Na comparação com julho do ano passado, o preço do pão subiu em todas as 16 localidades, com destaque para Natal (22,64%) e Rio de Janeiro (11,35%). Nos últimos anos, as safras de trigo brasileiras tiveram quebras significativas pelo fator climático desfavorável e as importações foram maiores. Além disso, os preços do trigo no mercado internacional estão em patamar elevado.

As maiores altas apuradas para o óleo de soja registraram-se em Brasília (6,74%), Porto Alegre (5,14%) e Recife (5,09%). Em Belo Horizonte, Fortaleza e Florianópolis os preços permaneceram estáveis e as reduções ocorreram em Belém (-0,84%), Curitiba (-0,44%) e João Pessoa (-0,42%). Em 12 meses, o óleo de soja aumentou em todas as 16 capitais com alta acima de 10% em 14 delas. Belém (23,68%), Porto Alegre (19,92%), Rio de Janeiro (17,44%) e Brasília (17,05%) foram as capitais com maiores elevações. Com preços mais altos no mercado internacional, as exportações cresceram, compensando a valorização cambial do real.

Quanto à manteiga, seu aumento está relacionado com o comportamento do preço do leite. Curitiba (10,82%) e Porto Alegre (10,01%) apresentaram as maiores elevações. Dentre as seis capitais onde houve queda, a mais significativa ocorreu em Recife (-10,39%). Onze regiões registraram alta em um ano, em especial, Aracaju (18,73%), Vitória (17,31%) e João Pessoa (16,90%). Em outras cinco houve redução no período, as maiores verificadas em Fortaleza (-11,06%) e Florianópolis (-7,97%).

A farinha de trigo, pesquisada apenas nas nove cidades do Centro-Sul do país, apresentou aumento em sete – os principais em Porto Alegre (18,85%) e Florianópolis (11,11%) -, estabilidade em Vitória e queda de 1,76%, em Goiânia. Em um ano, ocorreram altas expressivas em todas as localidades, com destaque para Rio de Janeiro (23,91%), Porto Alegre (22,70%), Brasília (22,65%) e Curitiba (21,11%).

Três itens destacaram-se entre os cinco que registraram predomínio de queda na maior parte das capitais. O tomate ficou mais barato em 13 capitais, em especial Porto Alegre (-35,10%), Curitiba (-21,51%), Goiânia (-21,43%), Fortaleza (-20,13%) e São Paulo (-19,73%). Três cidades nordestinas tiveram aumentos expressivos: Recife (32,73%), João Pessoa (26,96%) e Natal (14,39%). Em relação a julho do ano passado, o comportamento dos preços é o oposto, uma vez que 13 capitais registraram aumentos bastante significativos, como ocorreu no Rio de Janeiro (48,25%) e Florianópolis (46,67%). Houve queda em Fortaleza (-24,68%), Belém (-21,15%) e Aracaju (-0,88%). O clima foi o principal fator causador da alta no período anual, mas os preços já estão recuando.

O preço do açúcar caiu em 12 cidades, particularmente em Goiânia (-23,00%), Fortaleza (-8,63%) e Rio de Janeiro (-8,45%). Houve estabilidade em Vitória e alta em Natal (8,76%), Aracaju (3,18%) e Belo Horizonte (1,41%). Em um ano, houve queda no preço do açúcar em 15 capitais, com variações entre -4,51%, em Fortaleza a -40,77%, em Goiânia. Somente em Aracaju ocorreu alta (2,71%). A cana, matéria-prima da produção do açúcar, está em plena safra e com aumento de produção devido à demanda dos combustíveis. Com isso, também está crescendo a produção do açúcar.

O café teve retração em 10 regiões, em especial em Curitiba (-7,33%) e Florianópolis (-6,72%). Em seis capitais houve pequena alta que variou de 2,40%, em João Pessoa, a 3,66%, em Porto Alegre. Nos últimos 12 meses, porém, todas as 16 capitais registram alta, 14 delas acima de 10%. As maiores elevações ocorreram em Porto Alegre (24,79%), Fortaleza (23,53%) e São Paulo (22,97%). A valorização do real diante do dólar está retendo a comercialização do produto pelos cafeicultores, que esperam obter melhor preço.

## **São Paulo**

A cesta básica, na capital paulista, apresentou ligeiro recuo, em julho (-0,25%), com seu preço ficando em R\$ 186,98. Entre janeiro e julho deste ano, a variação chega a 2,71% e em 12 meses corresponde a 9,67%.

Cinco produtos apresentaram variação negativa no mês: tomate (-19,73%), batata (-8,43%), açúcar refinado (-2,94%), café em pó (-2,16%) e arroz agulhinha tipo 2 (-0,70%). Todos os outros oito itens registram aumento: leite *in natura* tipo C (8,07%), manteiga

(5,17%), carne bovina de primeira (3,96%), farinha de trigo (2,41%), feijão carioca (2,05%), banana nanica (1,56%), óleo de soja (1,46%), pão francês (1,23%).

Na comparação com julho de 2006, apenas dois produtos registraram redução em seus preços: banana (-0,99%) e açúcar (-19,51%). Os outros 11 itens subiram: café (22,97%), leite (20,68%), tomate (19,33%), carne (14,27%), óleo de soja (13,66%), batata (12,41%), farinha de trigo (12,33%), arroz (8,40%), feijão (8,37%), manteiga (7,96%) e pão (1,02%).

O trabalhador paulistano que ganha salário mínimo precisou cumprir, em julho, uma jornada de 108 horas e 15 minutos para adquirir os produtos essenciais, pouca coisa menos que em junho, quando eram necessárias 108 horas e 31 minutos. Há um ano, em julho de 2006, o tempo necessário era um pouco menor, ficando em 107 horas e 10 minutos.

Na comparação entre o custo da cesta e o valor do salário mínimo líquido (após desconto da parcela da Previdência), também se verifica a mesma correlação. Em julho, a compra da cesta básica comprometia 53,28%, enquanto em junho eram exigidos 53,42% do valor recebido. Em julho de 2006, o percentual comprometido (52,75%) era pouco menor que o atual, pois o aumento anual da cesta básica foi de 9,67%, ligeiramente superior ao reajuste do salário mínimo, em abril passado, de 8,57%.